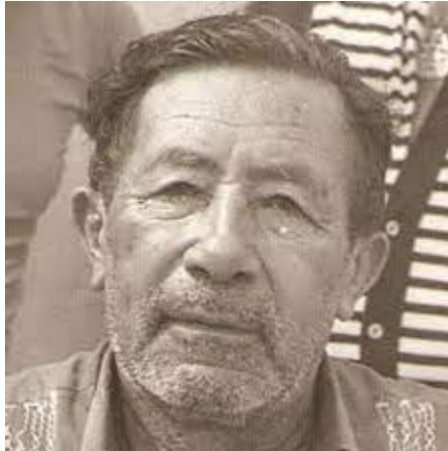


## O Mundo Bucólico do Poeta Cancão



### *Resumo do último capítulo do livro O Sertão Educa*

Mergulhar no universo da poesia de Cancão nos leva ao mundo do sonho e da fantasia, o qual nos faz crer que a divina providência fez todos os esforços possíveis para realizar através da sua criação magistral, a mais nobre prova da beleza espiritual expressada através da grandeza bucólica de uma alma que sentiu e externou a natureza sertaneja da forma mais bela e encantadora. Filho do Pajeú pernambucano, lírio sublime da poesia de São José do Egito, o poeta tinha uma sensibilidade e uma capacidade de pintar a natureza sertaneja através das palavras que nenhum pintor por mais capacitado que seja conseguiu. Cancão através da poesia mostrou a natureza em movimento. Ao ler seus poemas, a nossa alma assiste os pingos dos orvalhos cristalinos escorrendo no corpo nu das flores; nosso olhar contempla os córregos borbulhando no coração da mata; a audição escuta a voz tristonha de um sabiá na solidão; o sono é despertado com um pequeno rouxinol nas brechas do telhado; nossa admiração contempla as auroras e os arrebóis numa mutação de cores, o corpo sente o delicioso cheiro do mel sendo fabricado na moagem de um engenho; nosso espírito se encanta vendo os pirilampos acendendo e apagando suas luzes na escuridão noturna; nosso Ser vê os campos floridos, cheios de borboletas e colibris dançando numa festa matutina, e se assusta com as tempestades e as enchentes no rio da aldeia egipciense.

Ao debruçasse na poesia do poeta pássaro, um conforto de delicadezas atinge a nossa alma, como o bater das asas de uma borboleta sobre as flores de um plácido jasmim. Cada pingo de orvalho que escorre através dos seus poemas

bucólicos, banha nosso espírito de afetos, numa cachoeira de rimas e ritmos, com palavras belas que embevecem e transbordam a lagoa dos nossos sentimentos. A sua poesia faz as estrelas ficarem bem próximas da gente, nas quais, os dedos da nossa alma podem tocá-las e senti-las, recebendo os fulgores poéticos que clareiam a imensidão dos sentidos. Nos poemas de Cancão tudo se torna possível. O “cisne”, pássaro de outras regiões vem nadar no rio da sua aldeia; a “maresia indiana” traz seu cheiro para perfumar o corpo de uma professora amiga; a pantera solta rugidos nas grutas do seu pequeno lugarejo; algumas flores de outras regiões embelezam as campinas do Pajeú; enfim, o poeta transporta para sua aldeia animais e plantas de outras regiões, construindo um inusitado nicho ecológico.

Cancão conseguiu através da poesia campestre mostrar a caatinga sertaneja na explosão invernal dos tempos de chuvas da forma mais encantadora possível. Seu poema “Depois da Chuva” desenha a beleza da flora e fauna do sertão nordestino de uma forma tão sublime e bela que, até parece que todos os poros do corpo tinham um olhar de sensibilidade atento para aquela “tarde de abril”, quando o rouxinol, o sabiá, os colibris, os regatos, as borboletas, as abelhas, o sol e as flores, formaram um mundo de encantos bucólicos, ocultados na alma e revelados através de um poema clássico, digno da mais fiel enciclopédia Universal da Poesia.

O *‘Poeta Verde’* conseguiu com profunda sensibilidade e domínio das palavras aproximar o homem da criação divina. Cada verso que ele fez sobre a natureza é de uma perfeição tão impressionante que uma enxurrada de emoções inunda cada lagoa do nosso coração. Mergulhar no mundo do aedo bucólico, saborear seus poemas, sonetos e outras formas literárias nos torna o mais humano dos humanos; faz-nos crer que o mundo visto por ele e expressado pela verve é o lugar do sonho e da fantasia. Cancão nos proporcionou a viajar nas asas dos colibris dando beijos nas flores das campinas; nos fez sentar nas estrelas; nos fez sonhar com a liberdade através de um sabiá na solidão de uma gaiola; nos levou aos riachos cristalinos da sua aldeia; nos fez verter prantos pela rolinha que teve o “Ninho Roubado”; nos causou uma reflexão profunda sobre a morte, na solidão das “Seis horas no Cemitério”; nos mostrou os detalhes da casa sertaneja que abrigava um pobre ébrio solitário; nos transportou para o mundo dos aborígenes do Pajeú, com seus pajés, feiticeiros, caciques, arcos, flechas e tacapes; enfim, a sua poesia é uma viagem de delírios, devaneios e sensações através das belezas da natureza e da profundidade da alma humana.

Sentir os seus encantos poéticos, causa ao espírito humano uma espécie de doçura e ternura angelical. Cresce dentro da gente uma vontade inexorável de contemplar a vida e deixa a nossa existência enternecida.

Mas, como ser humano, Cancão sofreu as dores da solidão. No poema “Lamentos ao pé do tumulo”, ele externa todo o ódio a terra que tanto decantou, por ela ter levado a mulher amada.

Acredito que o poeta do ‘Pajeú das Flores’ deve está nesse instante no paraíso celestial da poesia, declamando poemas, acendendo estrelas de versos e jogando orvalhos de beleza poética nas madrugadas celestiais.

Se os gregos de outrora tivessem conhecido a poesia de Cancão, com certeza o teriam posto no trono de Zeus e colocaria na sua cabeça divina a coroa de um Deus-Poeta.

Hoje, depois de vários milênios, pós era grega, e depois de algumas décadas da partida do vate da natureza para morar junto aos deuses das artes no Olimpo Grego, o poeta Egípcio é extremamente necessário para esse mundo louco, de tantos sentimentos vazios e mecânicos.

Se um dia Deus resolver mandar um emissário a terra, acredito que será o poeta campestre que virá, trazendo o mesmo espírito humano, a mesma inocência e simplicidade, a grande sensibilidade poética e os ensinamentos de respeito, amizade, fraternidade e solidariedade que ele tanto mostrou através dos seus versos.

Apesar de a sua poesia não denunciar de forma constante as opressões sociais sofridas pelos afortunados e desamparados do poder governamental, Cancão seguiu o mesmo caminho na construção do homem a partir da natureza, como fez o grande filósofo e educador Jean-Jacques Rousseau, no clássico e poético livro, “Emílio”.

Mesmo não relatando as agressões do homem à natureza, Cancão foi e é uma espécie de educador ambiental. A poesia por si própria educa o homem, e quem lê os versos campestres do poeta pajeuense enxerga a natureza de maneira interativa, respeitando-a com carinho e admiração.

Apesar do pouco estudo acadêmico, tendo só cursado o primário da época, Cancão foi um exímio autodidata. Ele leu os grandes poetas clássicos, como Casemiro de Abreu, Gonçalves Dias, Castro Alves, dentre outros, sofrendo assim, certa influência dos poetas clássicos. Mas, acima de tudo ele teve um estilo literário próprio, embora tenha escrito alguns sonetos. O mais impressionante era a

grandeza da verve. Com poucos temas ele criava um mundo de poesia. Bastava uma cena fugaz de alguma manifestação da natureza, que ele a eternizava de maneira impressionante. Não foi um poeta da viola como a maioria dos poetas contemporâneos, mas glosava de improviso entre os vates amigos com a mesma capacidade dos grandes menestréis do repente.

O nome de batismo era João Batista de Siqueira, mas não poderia existir um apelido mais digno do que Cancão, um pássaro de cor preta e branca e que habita as altas arvores da caatinga sertaneja e encanta através de um canto agudo e melodioso.

Todos os amantes da poesia deveriam agradecer ao grande criador do universo por ter apresentado sobre a forma humana, a prova mais fiel da sua existência enquanto arquiteto das coisas belas que compõem o mundo dos humanos. Cancão, pureza da alma, exemplo de humildade, encantador que usou a poesia para elevar nosso espírito, pincel vernáculo dos poemas campestres, voz singela dos humildes, plantador de sonhos e fantasias, obrigado por nos proporcionar um mundo belo, cheio de auroras e de esperanças, nesses tempos de tantos ocasos e incertezas.

***Gilmar Leite***